

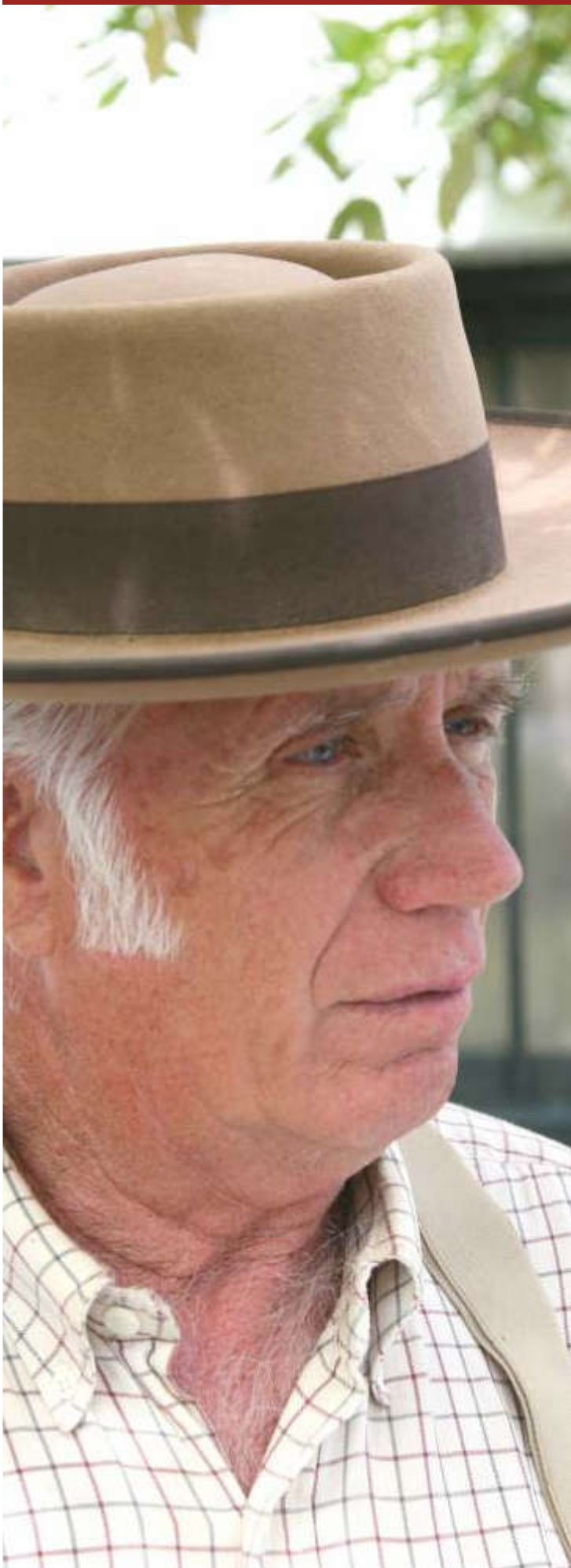
COLETE ENCARNADO 2010 VILA FRANCA DE XIRA



2, 3 E 4 JULHO



Câmara Municipal de Vila Franca de Xira



Mais que um acto de teimosia ou rebeldia, é a paixão pela Festa Brava que o torna criador de touros. Depois de ter sido forçado e de ter tido experiências no toureio a pé, não resistiu ao apelo de ter uma ganadaria brava, mesmo contra vontade inicial do pai. Para ele, o “Colete Encarnado” é a festa mais importante do Ribatejo e faz gosto em que os seus campinos marquem sempre presença.



A Ganadaria “João Ramalho” pasta no Ribatejo, na “Quinta das Gatinheiras”, herdade de 38 hectares, no concelho de Salvaterra de Magos. É na casa desta herdade, já centenária e muito castiça, que encontramos o ganadero. Homem alto, de porte elegante (estilo britânico), João Ramalho recebe-nos com grande simpatia. De conversa fácil e muito apaixonada pelo universo taurino, demonstra uma enorme jovialidade que “arruma para um canto” a idade que possa estar inscrita no Bilhete de Identidade.

Proveniente de uma família ligada ao campo e ao gado, onde já tinham existido duas ganadarias bravas antes da sua, é a grande aficcion pela Festa Brava que o leva a fazer renascer a criação de gado bravo. “Fui sempre muito aficcionado desde pequeno. Fui forçado, andei no grupo de Santarém uma data de anos, gostava muito de tourear a pé e tinha muita aficcion... porque é preciso ter muita aficcion para isto!”, enfatiza.

A primeira compra de vacas bravas é feita à revelia do pai que, à época, dizia: “Acabou a ganadaria. Portanto, não há cá utopias, é gado manso!”. Mas João Ramalho não se conformava com a situação: “Eu tinha muita pena daquilo. Não podia ser!”. Então, depois de ter feito a vontade ao pai, de frequentar a Escola Agrícola, decidiu tentar a sua sorte na criação de gado bravo.

Na herdade já havia uma vacada mertolenga e João Ramalho decide comprar umas vacas bravas ao “Sr. Teixeira” (pai de António José Teixeira). “Escolhi daquelas raiadas e amarelas para fingir que era tudo gado manso”, conta, entre gargalhadas. João Ramalho estava convencido que assim enganaria o pai. Enganou-se ele! Quando o pai vê a vacada, chama-o e pergunta: “Olha lá, mas isto é uma vacada mansa ou é uma vacada brava?”. João Ramalho ficou sem saber o que responder e o pai acaba por lhe dizer: “Se queres, faz lá então a ganadaria brava. Mas tem de ser a sério!”.

Foi o que o filho quis ouvir e começa então a ganadaria a sério. Para isso teve a ajuda de um grande padrinho, o "Sr. José Pedrosa, um tipo extraordinário", afirma. Ele também queria acabar com a própria ganadaria e sabendo da vontade de João Ramalho perguntou-lhe se queria ir até lá escolher umas vacas suas. O jovem Ramalho só tinha dinheiro para cerca de 3 dezenas de vacas, mas José Pedrosa deixou-o escolher à vontade. No fim disse-lhe: "Você já escolheu. Agora vai levar mais 3 vacas muito velhas. Você vai levá-las à minha responsabilidade, que eu sei que lhe vão dar bom semental!" Duas dessas vacas foram oferecidas: a "Bandeira" e a "Bandarilha". Uma tinha 18 anos, outra tinha 20. E José Pedrosa tinha razão: uma das vacas deu dois sementais e a outra deu mais um. "O homem deu-me a "fina-flor" do que tinha. O José Pedrosa, para mim, foi espectacular!" - afirma, reconhecido e grato. A ganadaria tem então origens "Soler", à qual junta mais vacas dos Irmãos Roberto, que eram puro "Pinto Barreiros", a sua ganadaria preferida. Mais recentemente adquire também "Oliveiras, Irmãos".

Com divisa lilás e branca e ferro em forma de fateixa, a estreia da ganadaria tem lugar a 9 de Maio de 1965, em Salvaterra de Magos, com quatro novilhos lidados por José Simões e José Falcão.

Actualmente a ganadaria é principalmente de encaste "Pinto Barreiros" e tem 112 efectivos: 3 sementais, 65 vacas de ventre, 18 vacas de tenta, 14 machos pequenos e 12 machos prontos a lidar este ano. "Não dá para a gente se alongar. No dia em que ficar uma corrida em casa eu perco dinheiro. Portanto eu tenho que ter o efectivo que vejo que posso ter, até porque não tenho assim tantas terras e as que tenho são para dividir entre touros e agricultura".

Toiros de personalidade aguerrida

Os toiros da ganadaria "João Ramalho" dificilmente atingem os 510 kg, mas "são muito aguerridos". O ganadero considera que em Portugal muitos evitam tourear toiros com estas características: "Acham que os meus toiros perseguem e não são cómodos". No entanto, João Ramalho gosta que os seus toiros sejam assim. Para ele, o toiro bravo é o que investe, que persegue e que até ao final quer dar luta. A habilidade de os "dobrar" tem de estar no toureiro, tanto a pé como a cavalo. "Aquele toiro que

persegue e depois fica parado, que arranca e depois pára outra vez, para mim, não tem interesse nenhum".

E recorda um episódio com António Ribeiro Telles, que, depois de tourear um dos seus exemplares, atirou-lhe o tricórnio e disse-lhe: "Parabéns! Isto assim dá gozo tourear!"

Já nos tempos de forcado lembra que gostava era do toiro que arrancava "de largo" e que vinha pelo caminho dele quase sem ser preciso chamar. "Aquele toiro que fica ali encostado às tábuas, que a gente se farta de chamar: ó toiro, ó toiro, ó toiro -, e ele nunca mais arranca, isso para mim não me diz nada".

Assim que teve hipótese de lidar em Espanha não hesitou. "Eu gostava muito, muito, do toureio apeado. Cá, hoje em dia, raramente se vê. Apareceu a hipótese de nós entrarmos em Espanha, fiz a prova e entrei logo". Foi em Agosto de 1993, em Casavieja. Ali, o segredo do bom desempenho dos seus toiros está na forma como são picados.

Lembra uma corrida em S. Bernardino de la Vega: "Foi uma corrida muito boa, muito boa. O Tomás Campuzano não conhecia a corrida e quando viu o toiro, assim meio magrinho, deu-lhe só uma vara. Os companheiros, que já conheciam a ganadaria, disseram-lhe que só assim era pouco. Quando foi a vez deles, deram-lhes três varas, cortaram orelhas e foi um sucesso. Quando o Tomás voltou à praça, deu também três varas e foi muito melhor. Acabou por sair em ombros. Ele e os outros. Saíram todos em ombros!".

Tanto em Portugal como em Espanha já ganhou vários troféus de bravura e apresentação.

Este ano tem duas corridas preparadas. À data de entrevista, a previsão era seguirem as duas para Espanha.

A Festa em Portugal

O ano passado o ganadero perspectivou uma situação animadora para os toiros portugueses. Mas este ano, ao ver entrar tantos toiros espanhóis, julga que, afinal, a situação não é tão favorável.

O criador de toiros lamenta que muitos empresários tenham preferência pelas ganadarias espanholas em detrimento das portuguesas. Critica principalmente os empresários que já exerceram funções dentro da arena:





“vão buscar toiros para dar cabo daquilo que eles foram, que são os forcados. Porque os problemas que têm havido com os forcados acontecem por causa deles. Eu não acredito que uma empresa boa não prefira dar mais algum dinheiro sabendo que vai apresentar um espectáculo digno!”. A continuar assim, a festa em Portugal vai certamente ressentir-se, considera, uma vez que os bons forcados também levam muita gente às praças.

A experiência demonstra-lhe que, no país vizinho, em primeiro lugar estão as ganadarias espanholas, ao contrário do que parece acontecer em Portugal. No entanto, o ganadero faz questão de elogiar o empresário que está actualmente em Vila Franca: “Presto-lhe vassalagem porque o homem evita meter toiros espanhóis. É um empresário português que acha que nós temos produtos tão bons ou melhores que eles!”.

Por outro lado, há a questão do preço dos bilhetes, que considera ser mal gerida. “Cá em Portugal, quando se faz as contas, faz-se à meia-casa: a meia-casa tem que pagar a corrida e isso é um disparate. Se fizerem os preços mais baratos, vai muito mais gente aos touros”.

Colete Encarnado – a festa principal do Ribatejo

Para João Ramalho, o “Colete Encarnado” é a principal festa ribatejana de Toiros. Quando era jovem e forcado estava sempre presente. “Numa altura não havia grupo de Vila Franca e o grupo de Santarém pegou muitas vezes no Colete Encarnado. E pegávamos depois na Feira de Outubro: à terça-feira o toiro era sempre nosso!”, recorda. Mas também era rapaz de ir para as esperas. Mesmo com a roupa a rigor, de jaqueta ou de fato e gravata. Até que um dia saiu de lá com um modelo de fato, digamos, diferente. “Eu era maluco pelas esperas! Uma vez, em plena Serpa Pinto, estávamos de olho nos toiros a ver se vinham, se não vinham. Eu, entretanto, já tinha visto uma porta por onde fugir caso chegasse o toiro. De repente começa tudo a gritar que vinha aí o toiro. Há aquela confusão e...claro que vai tudo para a mesma porta para onde eu também queria ir. Olhe, estava com um fato à futrica, depois disso fiquei, de um lado com o fato à futrica, do outro com uma jaqueta (gargalhada). Fecharam-me a porta, o fato enganchou e levaram-me um bocado. Ficou uma jaqueta bonita (gargalhada)!”.

É com enorme gosto que dispensa o seu pessoal para participar na Festa, até porque não costuma ter problemas

por falta de homens para fechar uma corrida de toiros. “Há até o caso de um ajudante meu, o Acácio “Banana”, que quando foi trabalhar aqui para a IDAL lhe disse logo: “Olhe que quando o patrão João Ramalho precisar ali de fechar uns toiros ou qualquer coisa assim eu tenho que ir lá ajudar!”. E os homens da IDAL acharam-lhe tanta graça que nunca se opuseram a isso.”

Assim, quando se aproximam as vésperas do mês de Julho “aparecem-me todos, os que são campinos e os que não são, para ir para o Colete e vão, sempre! Eu sempre gostei muito do Colete Encarnado. É uma festa muito ribatejana. Só há três grandes festas no Ribatejo: O Colete Encarnado, em Vila Franca; a Sardinha Assada, em Benavente e a Quinta-feira de Ascensão, na Chamusca. Todas as outras são réplicas e as cópias nunca são boas!”

CASAMENTO COM ACTRIZ



João Ramalho é casado com Maria Teresa Ramalho, ou “Tareca” como muitos lhe chamam, actriz conhecida do público principalmente pelas novelas em que participou. Em jeito de brincadeira diz mesmo que a mulher “é uma ganadera importante”. Conta que já era aficionada antes de casar com ele, mas depois “ficou mais!”

O casamento permite-lhe o contacto com o mundo artístico, donde muitas vezes saem vozes críticas à tourada e à Festa Brava. João Ramalho reconhece que sim, mas que isso, aos poucos, pode mudar. Dá o exemplo do que se passa actualmente com uma telenovela que está a ser gravada no Ribatejo: “Há lá actores e atrizes que, à partida, eram contra as touradas e os touros e que agora estão a conhecer a nossa realidade e o maneiço do campo e estão a mudar completamente!”.

Texto: Susana Simões Santos
Fotos: Ricardo Caetano

